



“Além do Arco-íris”: um olhar geográfico sobre a morfologia paisagística durante a Parada do Orgulho LGBT de Juiz de Fora – Minas Gerais/Brasil.

João Gabriel da S. Carmo¹

Resumo

O presente artigo é parte integrante da pesquisa *Espaço-Tempo das Paradas LGTBs: Paisagem, Territorialidade e Turismo (Estudo da Realidade juizforana)*. Este estudo consiste na análise das transformações paisagísticas e na alteração da dinâmica urbana e social que ocorre durante a Parada do Orgulho LGBT de Juiz de Fora (Minas Gerais, Brasil). O objetivo é buscar uma decodificação de códigos e símbolos que traduzem essa paisagem, momentaneamente emoldurada pelas cores do arco-íris.

Palavras – chave: Paisagem; Arco-íris; Parada do Orgulho LGBT.

Abstract

This article is part of the research *project Time-space of LGBTQ Pride Parades: Landscaping, Territorialities and Tourism (Study of the Reality of Juiz de Fora)*, which consists in the analysis of the changes in the landscape and the changes in the urban and social dynamics that occurs during the LGBT Pride Parade in Juiz de Fora (Minas Gerais, Brazil), looking for decoding the codes and symbols that translate this landscape, momentarily framed by the colors of the rainbow.

Key words: Landscape; Rainbow; *LGBT Pride Parade*

Introdução

¹Graduando em Geografia /UFJF. E-mail: joaosilva_ps@hotmail.com

Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc (SANTOS, 1991, p. 61).

Tomando enquanto ponto de partida o estudo das inter-relações que compõem a Parada do Orgulho LGBT de Juiz de Fora, buscamos decodificar o “mundo” de significados envolto na evento. Decodificação esta alcançada por meio das evidências fornecidas por “qualquer fonte que possa promover os significados contidos na paisagem, para os que a fizeram, a alteraram, a mantiveram, a visitaram e assim por diante, e outras que possam desafiar nossas previsões e teorias” (COSGROVE *apud* D’ABADIA, 1998, p. 109).

A análise da paisagem simbólica aqui é feita por meio das visitas *in loco* (trabalho de campo). Essas evidências são apreendidas e em muito contribuem para a compreensão e explicação da Parada como significado e identidade dos participantes, imprimindo uma dada paisagem, bem como atividades que impulsionam pensar a festa através de suas potencialidades turísticas.

Material e métodos

O presente trabalho se baseia em um agrupamento de registros fotográficos oriundos de trabalhos de campo realizados nas edições das Paradas do Orgulho LGBT de 2010 até o ano de 2012, que em sua essência evidenciam o uso de um dos maiores símbolos da parada: as cores do arco-íris emoldurando todo um contexto mercadológico. Procuramos nortear nossas discussões por meio de referenciais teóricos que melhor abordam a temática proposta.

Resultados e discussão

“A cidade se traveste, os trios tomam a avenida, as cores saltam aos olhos, os olhares se modificam, se cruzam, se cortejam.”

Da noite para o dia, avenidas de Juiz de Fora se tornam “palco” da Parada do Orgulho LGBT de Juiz de Fora, reconfigurando rotas e transformando a rotina dos juiz-foranos. A parada tradicionalmente é realizada nas principais vias de circulação de veículos da cidade (Avenidas Rio Branco e Itamar Franco, antiga Independência),

resultando em alterações simbólicas na paisagem urbana e propondo alternativas à heteronormatividade.

É de comum acordo entre a maioria dos participantes entrevistados na Parada, que as cores do arco-íris representadas na bandeira são os maiores símbolos para o movimento LGBT, desde sua concepção em 1978 por Gilbert Baker.

Com isso, o apelo por parte de alguns estabelecimentos ao simbolismo contido na bandeira se torna evidente, como podemos ver nas imagens (1;2;3;4;5) dispostas ao lado, que nos mostram a recorrência do uso das cores por um mesmo estabelecimento – em um dos casos, desde 2010, e no outro, a partir de registro. Nestes casos, fica evidente como o próprio arco-íris é assimilado a uma mercantilização da festa e é utilizado pelo comércio e serviços em Juiz de Fora como elemento de marketing para atrair consumidores LGBT's durante o evento.

Junto aos estabelecimentos, o público participante se mostra enquanto ator ativo neste remodelar da paisagem, envolvido nas mais expressivas/chamativas fantasias com a finalidade de se fazer presente em meio a tanta gente. A intenção parece ser a de almejar existência e respeito.

O público do evento é formado tanto por moradores da cidade como por turistas. Estima-se que, em 2012, participaram da festa 35 mil pessoas, em 2011, 60 mil e, em 2010, 70 mil

Figura 01



Fonte: MAIA, 2010

Figura 02



Fonte: DUTRA, 2011

2011, conforme o
Figura 03



Fonte: CARMO, 2012

Figura 04



Fonte: DUTRA, 2011

Figura 05



Fonte: CARMO, 2012

Figura 06



Fonte: DUTRA, 2011

Figura 07



Fonte: DUTRA, 2011

No dia da Parada, a concentração se inicia por volta das 12h e a dispersão ocorre por volta das 17h. As intervenções no trânsito da cidade para a realização do evento ocorrem a partir das 11h.

Estas intervenções se fazem necessárias a fim de começar a dispor os trios elétricos que animarão a festa mais tarde. Estes veículos de som, por sua vez, também se mostram enquanto peças fundamentais para a criação de todo um imaginário presente na Parada. Afinal, são eles que guiam, que ditam o ritmo, além de constituírem descontinuidades nas territorialidades vigentes na Parada, de acordo com MAIA (2012, p. 286): “os trios estabelecem tanto descontinuidades horizontais quanto verticais nas territorialidades da parada, [...], já que atraem públicos diferenciados, no tocante às horizontalidades, e têm seu acesso restrito, no que se refere às verticalidades”.

Figura 08 - Av. Rio Branco



Fonte: CARMO, 2012

Figura 09 - Av. Rio Branco



Fonte: MAIA, 2010

Conclusão

O presente trabalho se dá no intuito de ilustrar uma relação espaço/sociedade, a fim de compreender como o espaço, através de sua apropriação, pode ser visto enquanto categoria central na construção da ação dos sujeitos (mesmo que momentâneas e involuntárias) e as transformações que nele ocorrem durante a Parada. Necessário frisar, que o evento é interpretado por muitos como um dia de liberdade assistida, no qual o exótico se confunde ao rotineiro, ou o “estranho” se torna “normal”.

Nesta mudança da paisagem, é nítido o apelo para explorar a capacidade de consumo dos participantes, especialmente dos turistas. Com isso, a Parada adquiriu também um caráter mercadológico, implicando no consumo material e simbólico de elementos relacionados à “cultura LGBT”.

A morfologia paisagística encontrada na parada é composta por diferentes atores, que, ao se inter-relacionarem, trazem à tona todo um contexto político de luta, emoldurado pelas cores do arco-íris, embalado pelo som do “dance” que sai dos trios e envolto nas mais expressivas fantasias. No entanto, a percepção dessa paisagem parte de cada indivíduo, o que, de acordo com Vargas *apud* D’ABADIA (2007, p. 165),

“vai além de uma morfologia do ambiente ou de uma psicologia do olhar. A paisagem não reside no objeto, nem somente no sujeito, mas na interação complexa desses dois termos. [...] As paisagens emergem segundo as experiências e as percepções de cada indivíduo”.

Bibliografia

D' ABADIA. M. I.V.; SILVA. T. R. S. **FOLIA DE REIS E FESTAS DE PADROEIROS: PRATICAS FESTIVAS E DEVOCIONAIS NO MUNICÍPIO DE ANÁPOLIS-GO.**

Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/tp/article/viewFile/3385/2993>>

Acesso em 14/02/2013

MAIA. C.E. S. **Festividade e territorialidades na parada LGBT goianense.**

Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/tp/article/viewFile/3385/2993>>

Acesso em 14/02/2013

SANTOS, Milton. **METAMORFOSES DO ESPAÇO HABITADO, fundamentos Teórico e metodológico da geografia.** Hucitec. São Paulo 1988.